

REFLEXÕES DO COMANDANTE-EM-CHEFE: LULA

(Segunda Parte)

Lula recordou com entusiasmo a primeira vez em que visitou nosso país, em 1985, a fim de participar de uma reunião convocada por Cuba para analisar a premente questão da dívida externa com representantes das mais diversas tendências políticas, religiosas, culturais e sociais, que expuseram e debateram seus pontos de vista sobre o tema.

Realizaram-se vários encontros durante aquele ano, para os quais foram convocados líderes operários, camponeses, estudantis e de outras categorias. Lula era um deles, já conhecido entre nós e no exterior por seu discurso direto e vibrante de jovem dirigente operário.

A América Latina, naquela ocasião, devia 350 bilhões de dólares. Conteí-lhe que, naquele ano de luta intensa, enviei longas cartas ao Presidente de Argentina, Raúl Alfonsín, para persuadi-lo a não continuar pagando a dívida. Conhecia as posições do México, intransigente quanto ao pagamento de sua enorme dívida externa, embora não indiferente ao resultado da luta em torno do tema e a situação política especial no Brasil. A dívida argentina era bastante grande após a gestão desastrosa do governo militar. Justificava-se a tentativa de abrir espaço naquela direção. Não consegui. Poucos anos depois, a dívida, graças aos juros, alcançou a cifra de 800 bilhões de dólares, ou seja, havia dobrado, embora já tivesse sido paga.

Lula explicou-me a diferença entre aquele ano e a época atual. Afirmou que, hoje, o Brasil não tem mais dívida com o Fundo Monetário nem com o Clube de Paris e dispõe de uma reserva de 190 bilhões de dólares. Deduzi que seu país havia pagado somas enormes para saldar a dívida com aquelas instituições. Expliquei-lhe que Nixon dera um golpe na economia mundial ao suspender, unilateralmente, em 1971, o padrão ouro que limitava a emissão de notas. O dólar mantinha até então um equilíbrio em relação ao seu valor em ouro. Trinta anos antes, os Estados Unidos detinham quase todas as reservas do metal. Se havia muito ouro, eles compravam; se havia escassez, vendiam. O dólar exercia seu papel como moeda de câmbio internacional, dentro dos privilégios concedidos àquele país em Bretton Woods, em 1944.

Os países mais desenvolvidos haviam sido destruídos pela guerra. Japão, Alemanha, URSS e o resto da Europa apenas contavam com esse metal em suas reservas. A onça troy de ouro* podia ser adquirida até por 35 dólares; hoje vale 900.

“Os Estados Unidos”, disse-lhe, “têm comprado bens mundo afora imprimindo dólares e se arrogam o direito sobre tais propriedades, adquiridas em outros países. No entanto, ninguém deseja que o dólar se desvalorize ainda mais, porque quase todos os países acumulam dólares, ou seja, papéis que se desvalorizam constantemente, desde a decisão unilateral do Presidente dos Estados Unidos.

As atuais reservas em divisas da China, do Japão, do Sudeste Asiático e da Rússia chegam a três trilhões (3.000.000.000.000) de dólares; são números siderais. Se você somar as reservas em dólares da Europa e do resto do mundo, verá que equivale a uma montanha de dinheiro, cujo valor depende da atitude do governo de um único país.

Greenspan, que foi Presidente da Reserva Federal por mais de 15 anos,, entraria em pânico diante de uma situação como a atual. Até onde pode chegar a inflação nos Estados Unidos? Quantos novos empregos o país poderá criar este ano? Até quando funcionará sua máquina de imprimir notas antes que sua economia entre em colapso, além de usar a guerra para se apoderar dos recursos naturais de outros países?

- Medida estabelecida exclusivamente para o ouro (nota do tradutor)

Como consequência das duras medidas que impuseram em Versalhes ao Estado alemão, derrotado em 1918 e onde se instalou um regime republicano, o marco alemão deprecou-se de tal forma, que chegaram a ser necessários dezenas de milhares deles para comprar um dólar. A crise alimentou o nacionalismo alemão e contribuiu extraordinariamente para as absurdas idéias de Hitler. Ele procurou culpados. Muitos dos principais talentos científicos, escritores e financistas eram de origem judaica. Perseguiram-nos. Entre eles estava Einstein, autor da teoria que o tornou famoso, segundo a qual a energia é igual à massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz. Também Marx, nascido na Alemanha, e muitos comunistas russos, eram da mesma origem, praticassem ou não a religião hebraica.

Hitler não culpou o sistema capitalista pelo drama humano, mas sim os judeus. Partindo de absurdos preconceitos, o que desejava realmente era "um espaço vital na Rússia" para sua raça superior germânica, cujo império milenar sonhava construir.

Em 1917, baseados na Declaração de Balfour, os britânicos decidiram criar o Estado de Israel dentro de seu império colonial, em território habitado por palestinos, povo com outra religião e cultura, que habitava aquelas terras junto a outras etnias, entre elas a judaica, muitos séculos antes de nossa era. O sionismo popularizou-se entre os estadunidenses, que, com razão, odiavam os nazistas e cujas bolsas financeiras eram controladas por representantes daquele movimento. O Estado de Israel pratica hoje os princípios do Apartheid, possui armas nucleares sofisticadas e controla os centros financeiros mais importantes dos Estados Unidos. Foi usado por esse país e seus aliados europeus para fornecer armas nucleares ao outro Apartheid, o da África do Sul, que as utilizariam contra os combatentes internacionalistas cubanos que lutavam contra os racistas no Sul de Angola, caso cruzassem a fronteira da Namíbia.

Depois conversei com Lula sobre a política aventureira de Bush no Oriente Médio.

Prometi entregar-lhe o artigo que seria publicado no Granma no dia seguinte, 16 de janeiro. Assinaria de meu próprio punho a cópia destinada a ele. Também lhe entregaria, antes que partisse, um artigo de Paul Kennedy, um dos intelectuais mais influentes dos Estados Unidos, sobre a ligação entre os preços dos alimentos e o petróleo.

"Você é produtor de alimentos", acrescentei, "e, além disso, acaba de encontrar reservas importantes de óleo cru leve. O Brasil possui 8 milhões 534 mil quilômetros quadrados e dispõe de 30 por cento das reservas de água do mundo. A população do planeta precisa cada vez mais de alimentos, dos quais vocês são grandes exportadores. Quando se dispõe de grãos ricos em proteínas, óleos e carboidratos, que podem ser frutos, como a castanha de caju, a amêndoa, o pistach; raízes, como o amendoim; a soja, com mais de 35% de proteína; o girassol ou cereais, como o trigo e o milho, é possível produzir toda a carne ou leite que se desejar". Não mencionei outros alimentos de uma longa lista.

"Em Cuba", continuei explicando, "tivemos uma vaca que estabeleceu o recorde mundial de leite, uma mistura de Holstein com Zebu". Lula exclamou, imediatamente: a "Ubre blanco!" * Lembrava-se do nome. Acrescentei que ela chegou a produzir 110 litros de leite diários. Parecia uma fábrica, mas era preciso lhe dar mais de 40 quilos de ração, o máximo que podia mastigar e engolir em 24 horas; uma mistura onde a farinha de soja, leguminosa difícil de se cultivar em solo e clima cubanos, é o componente fundamental. "Vocês têm, hoje, ambas as coisas: o fornecimento seguro de combustível e matérias-primas alimentícias e alimentos elaborados".

"Já se anuncia o fim dos alimentos baratos. O que farão as dezenas de países com centenas de milhões de habitantes que não possuem nem uma coisa nem outra?", perguntei-lhe. "Isso significa que os Estados Unidos têm uma enorme dependência externa, mas, ao mesmo tempo, uma arma. Seria preciso lançar mão de todas as suas reservas de terra, mas o povo daquele país não está preparado para isso. Eles estão produzindo etanol a partir do milho, o que faz com que retirem do mercado uma grande quantidade desse grão calórico", continuei argumentando.

Lula contou-me, em relação ao tema, que os produtores brasileiros já estão vendendo a safra de milho de 2009. O Brasil não é dependente do milho como o México ou a América Central. Julgo que nos Estados Unidos não se sustenta a produção de combustível a partir do milho. "Isso confirma a realidade de que haverá uma elevação impetuosa e incontável dos preços dos alimentos, o que afetará muitos povos", afirmei.

"Você, por outro lado," disse-lhe "conta com um clima favorável e uma terra solta; a nossa costuma ser argilosa e, às vezes, dura como cimento. Quando vinham os tratores soviéticos e de outros países socialistas, quebravam-se e foi preciso comprar aços especiais na Europa para fabricá-los aqui. No nosso país, abundam as terras pretas ou vermelhas do tipo argiloso. Trabalhando-as com esmero, pode-se produzir para o consumo familiar o que os camponeses da região do Escambray denominavam de "alto consumo". Eles recebiam do Estado quotas de alimentos e consumiam também seus próprios produtos. Mas o clima mudou em Cuba, Lula.

Nossa terras não estão preparadas para a produção comercial de grãos em grande escala, para satisfazer as necessidades de uma população de quase 12 milhões de pessoas, e o custo atualizado das máquinas e combustíveis que o país importa seria muito alto.

A nossa imprensa noticia a produção de petróleo em Matanzas, a redução de custos e outros aspectos positivos. Mas ninguém menciona o fato de que o seu preço em divisas deve ser dividido com os parceiros estrangeiros, que investem nas sofisticadas máquinas e tecnologia necessárias. Por outro lado, não existe a mão-de-obra necessária para trabalhar intensivamente na produção de grãos, como fazem os vietnamitas e chineses, cultivando planta por planta o arroz e fazendo, às vezes, de duas a três colheitas. Corresponde à localização e tradição histórica da terra e daqueles que a povoaram. Não passaram antes pela mecanização em grande escala de modernas colheitadeiras. Logicamente, há muito tempo, os cortadores de cana e os trabalhadores dos cafezais das montanhas abandonaram o campo; também grande número de construtores, alguns da mesma procedência, abandonaram depois as brigadas e se tornaram trabalhadores por conta própria. O povo sabe o que custa consertar uma moradia. É o material, mais o elevado custo da mão-de-obra. O primeiro tem solução, o segundo não se resolve-como acreditam alguns- desperdiçando pesos sem a contrapartida em divisas conversíveis, que já não serão dólares e sim euros ou yuanes cada vez mais caros, se conseguirmos, todos juntos, salvar a economia internacional e a paz.

Enquanto isso, devemos continuar criando reservas de alimentos e combustível. No caso de um ataque militar direto, a força de trabalho manual multiplicar-se-ia.

No breve espaço de tempo em que estive com Lula, duas horas e meia, gostaria de ter sintetizado em poucos minutos os quase 28 anos decorridos, não desde que ele visitou Cuba pela primeira vez, mas desde que o conheci, na Nicarágua. Agora é líder de um imenso país, cuja sorte, contudo, depende de muitos aspectos que são comuns a todos os povos que habitam este planeta.

Pedi-lhe licença para falar sobre a nossa conversa com liberdade e, ao mesmo tempo, com prudência.

Quando Lula está diante de mim, sorridente e amistoso, e o ouço falar com orgulho de seu país, das coisas que está fazendo e se propõe a fazer, penso em seu instinto político. Eu acabava de revisar, rapidamente, um relatório de cem páginas sobre o Brasil e o desenvolvimento das relações entre os nossos dois países. Era o homem que conheci na capital sandinista, Manágua, e que teve uma relação tão forte com a nossa Revolução. Não lhe falei nem teria lhe falado de algo que pudesse significar uma ingerência no processo político do Brasil, mas foi ele próprio a dizer, entre outras coisas: "Você se lembra, Fidel, quando, ao falarmos sobre o Foro de São Paulo, me disse que era necessária a unidade da esquerda latino-americana para garantir o nosso progresso? Pois já estamos avançando nessa direção".

Ele fala, com orgulho, sobre o Brasil de hoje e suas grandes possibilidades, considerando seus avanços na ciência, tecnologia, indústria, mecânica, energética e outras esferas, além de seu enorme potencial agrícola. É claro que se insere aí o elevado nível das relações internacionais do Brasil, sobre as quais fala detalhadamente e com entusiasmo, inclusive as que está disposto a desenvolver com Cuba. Refere-se, com veemência, a obra social do Partido dos Trabalhadores, hoje apoiada por todos os Partidos da esquerda brasileira, que estão longe de contar com uma maioria parlamentar.

Foram, sem dúvida, assuntos que abordamos ao conversarmos há anos atrás. Já naquela época o tempo transcorria velozmente, mas, agora, cada ano se multiplica por dez, em um ritmo difícil de acompanhar.

Gostaria de conversar com ele sobre esse e muitos outros assuntos. Não sei qual dos dois tinha mais necessidade de expressar suas idéias. Eu supunha que partiria no dia seguinte e não naquela mesma noite, de acordo com o plano de vôo programado antes do nosso encontro. Eram aproximadamente cinco da tarde. Surgiu uma espécie de competição sobre o uso do tempo. Lula, astuto e rápido, foi à desforra ao se reunir com a imprensa, dizendo aos jornalistas, malicioso e sempre sorridente, como se pode constatar pelas fotos, que falara apenas meia hora e Fidel, duas. É claro que eu, valendo-me do direito de antigüidade, usei mais tempo do que ele. Deve-se descontar o tempo gasto com as fotos mútuas, quando pedi uma máquina fotográfica emprestada e virei repórter e ele fez o mesmo.

Aqui tenho 103 páginas de notícias sobre o que Lula disse à imprensa, as fotos que tiraram dele e a segurança com que falou sobre a saúde de Fidel. Realmente não deixou espaço para minha reflexão, publicada no dia 16 de Janeiro e que eu acabara de preparar no dia anterior a sua visita. Ele ocupou todo o espaço, correspondente ao enorme território de seu país, se comparado com a minúscula superfície de Cuba.

Eu lhe disse quanta satisfação me causara sua decisão de visitar Cuba, mesmo quando não havia a certeza de que se reuniria comigo. Que logo que soube de sua vinda, decidira sacrificar o tempo destinado aos exercícios de reabilitação e recuperação das faculdades motoras, a fim de recebê-lo e conversar bastante com ele.

Naquele momento, embora eu já soubesse que Lula iria embora nesse mesmo dia, desconhecia a urgência de seu retorno. Evidentemente, o estado de saúde do Vice-presidente do Brasil, revelado por ele próprio à imprensa, tornou urgente sua partida, para que pudesse chegar antes do amanhecer do dia seguinte a Brasília, em plena primavera. Outra longa jornada de afazeres para o nosso amigo.

Uma chuva fortíssima caía sobre a residência onde Lula estava hospedado, enquanto esperava as fotos e dois materiais adicionais com minhas anotações. Nessa noite chuvosa, partiu rumo ao aeroporto. Se tivesse lido a notícia de primeira página do Granma: "2007, o terceiro mais chuvoso em mais de 100 anos", isso o ajudaria a compreender o que eu lhe dissera sobre a mudança do clima. Pois bem, já começou a safra da cana-de-açúcar em Cuba e o chamado período seco. O rendimento do cultivo de açúcar não passa de nove por cento. Quanto custará produzir açúcar para exportar a dez centavos a libra, quando o poder aquisitivo de um centavo é quase cinqüenta vezes menor do que quando a Revolução triunfou, em primeiro de janeiro de 1959? Reduzir os custos desses e de outros produtos para cumprir os nossos compromissos, satisfazer o nosso consumo, criar reservas e desenvolver outras produções, é um grande mérito; mas que ninguém pense que, com isso, as soluções de nossos problemas são fáceis e estão bem ao nosso alcance.

Conversamos, entre outros inúmeros temas, sobre a posse do novo presidente da Guatemala, Álvaro Colom. Conte-i-lhe que acompanhara o ato sem perder nenhum detalhe, nem mesmo os compromissos sociais assumidos pelo presidente recém-eleito. Lula comentou que o que se observa hoje na América Latina tem sua origem em 1990, quando decidimos criar o Foro de São Paulo: "Tomamos uma decisão em conversa que tivemos aqui", disse ele." Eu tinha perdido as eleições e você foi almoçar em minha casa, em São Bernardo."

Apenas se iniciava a minha conversa com Lula, e ainda tenho muitas coisas que contar e idéias a expor, que talvez tenham alguma utilidade.

Fidel Castro Ruz

23 de Janeiro de 2008